

# **BARIA I**

## **EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS EN VILLARICOS. LA EXCAVACIÓN DE URGENCIA DE 1987**

JOSÉ LUIS LÓPEZ CASTRO  
VÍCTOR MARTÍNEZ HAHNMÜLLER  
LAURA MOYA COBOS  
CARMEN PARDO BARRIONUEVO



(con contribuciones de Juan Antonio Belmonte Marín, João Luis Cardoso,  
Susana Carpintero Lozano, Bartolomé Mora Serrano y Antonio Romerosa Nieves)



EDITORIAL  
UNIVERSIDAD DE ALMERÍA

# **BARIA I.**

## **EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS EN VILLARICOS. LA EXCAVACIÓN DE URGENCIA DE 1987**

JOSÉ LUIS LÓPEZ CASTRO  
VÍCTOR MARTÍNEZ HAHNMÜLLER  
LAURA MOYA COBOS  
CARMEN PARDO BARRIONUEVO

(con contribuciones de Juan Antonio Belmonte Marín, João Luís Cardoso,  
Susana Carpintero Lozano, Bartolomé Mora Serrano y Antonio Romerosa Nieves)

# ■ 13. A FAUNA DE MAMÍFEROS DE VILLARICOS: MATERIAIS RECOLHIDOS NA CAMPANHA DE 1987

JOÃO LUÍS CARDOSO

## INTRODUÇÃO E ASPECTOS METODOLÓGICOS

O pequeno lote de materiais osteológicos objecto deste estudo provém das escavações efectuadas em Villaricos em 1987, sob a direcção de José Luís López Castro, tendo sido estudadas pelo signatário na Universidad de Almería. Integra-se no estudo sistemático dos restos faunísticos exumado por aquele arqueólogo tanto em Villaricos, em anos subsequentes, como em outras estações comparáveis da região, cujos resultados, a seu tempo serão também publicados. Deste modo, o presente contributo deverá ser entendido como de natureza preliminar, destinando-se a acompanhar a monografia dos trabalhos arqueológicos efectuados em 1987, a qual contém os elementos susceptíveis de caracterizar os materiais, designadamente, a sua localização no quadro das estruturas postas a descoberto, a estratigrafia e a cronologia respectivas. A caracterização da sequência estratigráfica, e o respectivo enquadramento cronológico, já publicados (López Castro *et al.* 2001), foram seguidos no presente trabalho, o qual beneficiou ainda de diversas informações complementares pessoalmente transmitidas por J.L. López Castro.

As dimensões apresentadas são em mm, indicando-se, entre parêntesis, as dimensões que não foi possível determinar com rigor. No caso das peças dentárias, tomaram-se duas medidas na base da coroa, pelo facto de aquelas ali não variarem com o estado de abrasão dentária, o DMD (diâmetro mesio-distal) e o DT (diâmetro transversal). No caso dos ossos longos, incluindo as falanges, tomaram-se as medidas do DT (diâmetro transversal) e do DAP (diâmetro antero-posterior) na extremidade proximal, na diáfise e na extremidade distal, para além da altura, ou comprimento máximo da peça óssea (H).

No caso da omoplata, determinaram-se as dimensões na extremidade articular com o húmero, bem como as dimensões no estrangulamento pós-articular; no caso do astrágalo, consideraram-se as dimensões máximas do comprimento (altura) e transversal; enfim, no calcâneo, considerou-se a dimensão transversal máxima (DT art) e mínima (Dt mín post).

Na determinação, não se consideraram as esquirolas ósseas, em número significativo, nem elementos do esqueleto axial de identificação problemática, como fragmentos de vértebras e de costelas.

## INVENTÁRIO

UE 18 – n.º inventário 8122 – meados do século IV a.C.

*Bos taurus*

Esquirola correspondente à porção mesial da extremidade articular distal de húmero direito.

*Ovis aries/Capra hircus*

M3 esquerdo, com desgaste fraco. DT col – 15,5; DAP col – (10,7)  
 Porção de diáfise de tíbia esquerda – DT dia – 15,2; DAP dia – 14,5  
 Astrágalo dir. de juvenil (osso muito poroso) – H max – 27,0; DT max – 17,5; DAP Max – 15,1  
 Calcâneo direito – DT art (17,0); DT mín post – 13,0  
 1ª falange – H – 32,1; DT prox – 9,9; DT dia – 9,2; DT dist – 11,3

## UE 24 – n.º. inventário 8141 – século V a.C.

*Bos taurus*

Diastema de hemimandíbula direita  
 Superfície articular proximal de tíbia direita de indivíduo juvenil

*Ovis aries/Capra hircus*

Extremidade articular distal de humero direito. DT dist – 28,3 mm

## UE 24 – n.º. inventário 8143 – século V a.C.

*Equus caballus*

1ª. falange – H – 82,5; DT prox – 50,7; DAP prox – 34,0; DT dia – 32,0; DAP dia – 22,2; DT; DT dist – 42,1; DAP dist – 22,1.  
 3ª. falange – H – 41,3; L Max – (31,0); DAP art – (25,5)

*Sus sp.*

Porção distal de humero direito, incompleto na extremidade articular – DT dia – 15,5; DAP dia – 23,5

*Bos taurus*

M1 ou M2 direito com desgaste médio – DMD colo – 25,0; DVL colo – 24,5  
 1ª. falange – H – 63,2; DT prox – (31,5); DT dia – 27,2; DT dist – 30,0

## UE 25 – n.º. inventário 8019 – século V a.C.

*Equus caballus*

Porção distal de tíbia esquerda fracturada na diáfise – DT dia – 39,5; DAP dia – 27,7; DT dist – 64,1; DAP dist – 48,0

## UE 29 – n.º. inventário 8042 – século VI a.C.

*Bos taurus*

Extremidade anterior de calcâneo esquerdo

*Oryctolagus cuniculus*

Tíbia direita com falta recente da extremidade distal

*Ovis áries/Capra hircus*

Porção de maxilar esquerdo com M3 com desgaste médio  
 2 fragmentos de pélvis, com articulação com o fémur  
 Calcâneo direito. H – 22,5; L – 54,0; DT max – 20,5; DT mín post – 8,0

*Sus sp.*

Omoplata esquerda. DT art – 20,0; DAP art – 26,5; DT mín – 11,2; DAP mín – 21,7

*Canis familiaris*

2º. metatársico direito – H – 67,4; DT prox – 7,9; DAP prox – 12,0; DT dia – 6,3; DAP dia – 5,0; DT dist – 7,7; DAP dist – 8,1

4º. metatársico esquerdo incompleto na porção distal – DT prox – 7,8; DAP prox – 10,7; DT dia – 5,5; DAP dia – 5,1

1ª. falange – H – 24,0; DT prox – 7,8; DT dia – 4,8; DT dist – 6,1

**U E 29 – n.º inventário 8049 – século VI a.C.***Ovis aries/Capra hircus*

Dois fragmentos de ossicone

Tíbia esquerda, fracturada modernamente – DT prox – 30,0; DAP prox – 31,1; DT dist – 19,7; DAP dist – 14,2

*Bos taurus*

Porção anterior de hemimandíbula direita, com P<sub>3</sub> com desgaste forte – DMD – 18,5; DVL – 11,0

*Canis familiaris* – confirmar

5º. Metacárpico esquerdo – H – 48,0; DT prox – 8,5; DAP prox – 8,7; DT dia – 6,1; DAP dia – 5,5; DT dist – 7,5; DAP dist – 7,7

*Oryctolagus cuniculus*

Rádio direito, incompleto na extremidade distal

**U E 32 - n.º inventário 8190 –século VI a.C.***Capra* sp.

Omoplata direita incompleta, de grande robustez – DT art prox – 21,5; DT mín post – 11,3; DAP mín post – 21,8

*Ovis aries/Capra hircus*

Metade distal de tíbia esquerda – DT dia – 14,8 ; DAP dia – 12,3 ; DT dist – 28,3 ; DAP dist – 21,3

Porção mesial de tíbia de lado indeterminado, partida em ambas as extremidades por torção ou cutelo – DT dia – 11,8; DAP dia – 10,6

Metade distal de metacárpico direito, com fractura antiga na diáfise – DT dia – 14,3; DAP dia – 10,5; DT dist – 26,4; DAP dist – (15,5)

*Bos taurus*

1ª. falange – H – 58,5; DT prox – 29,8; DT dia – 26,5;

*Canis familiaris*

M<sub>3</sub> esquerdo, com desgaste fraco – DMD – 19,6; DVL – 7,6

**Fossa 7 - n.º inventário 8052 – moderno***Ovis aries/Capra hircus*

Extremidade distal de humero esquerdo, com marcas de corte por faca, finas e curtas e fractura na diáfise, por torção/flexão – DT dist – 32,7; DAP dist – 26,3

Metade proximal de metacárpico esquerdo – DT prox – 21,7; DAP prox – 15,4; DT dia – 11,9; DAP dia – 9,1

Porção mesial (esquírola) de metatársico de lado indeterminado – DT dia – 11,0

## MARCAS ANTRÓPICAS

Ainda que não se tenham contabilizado as esquirolas, de determinação quase sempre muito problemática, importa registar o seu elevado número, resultado de intensas acções antrópicas, de fracturação intencional, para extracção da medula óssea. Tal propósito está relacionado com a cozedura dos nacos de carne, já que os grelhados ou churrascos não propiciavam o referido aproveitamento. Com efeito, não se identificaram marcas de fogo, com o escurecimento, mesmo que parcial, das superfícies ósseas, conotável com esta prática. Pode, pois, concluir-se que o aproveitamento mais usual passava pela cozedura das peças de carne. Para tal, estas eram previamente seccionadas, como indicam as marcas de corte observadas, tanto em peças de grandes dimensões (caso de uma porção distal de tibia de *Equus caballus* (U E 25, n.º inv. 8019), do século V a.C., fracturada intencionalmente na diáfise, como peças de menores dimensões, como é o caso de outra tibia, de *Ovis/Capra* (U E 32, n.º inv. 8190), dos finais do século VII/inícios do século VI a.C., da qual se conserva apenas a diáfise, partida intencionalmente em ambas as extremidades.

A porção mesial desta tibia, visando a obtenção de nacos de carne de dimensões adequadas a serem cozinhados em panelas ou tachos de barro, configura a prática de ensopados, praticados muito depois na época islâmica (Cardoso 1994: fig. 2).

## CONCLUSÕES

1. Do ponto de vista da distribuição etária, observa-se apenas a presença de um indivíduo subadulto, representado por astrágalo de *Ovis/Capra*, de estrutura esponjosa (n.º inv. 8122). Todos os outros restos pertencem a animais adultos, por vezes já senis, como é o caso de uma porção anterior de hemimandíbula de *Bos taurus* (n.º inv. 8048);

2. Do ponto de vista biométrico, tem interesse constatar o seguinte:

- a primeira falange de *Equus caballus* (n.º inv. 8143) possui tamanho superior aos escassos exemplares calcólicos e mesolíticos do território português (Cardoso 1995), aproximando-se do tamanho dos exemplares do final do Plistocénico, pertencentes à subespécie *Equus caballus antunesi* (Cardoso & Eisenmann 1989), a qual não deveria ultrapassar 1,50 de altura no garrote. O aumento de tamanho verificado em Villaricos, no único exemplar recolhido, do século V a.C., parece resultar de introdução de novos morfotipos de outras origens geográficas, já que os seus antecessores pré-históricos imediatos teriam menores dimensões;
- no que respeita à presença de *Canis familiaris*, cuja presença foi documentada essencialmente no século VI a.C. (U E 29, n.º inv. 8042), as dimensões dos escassos elementos utilizáveis, representados por três metápodos, parecem indicar animais de diferentes tamanhos, cujo tamanho médio corresponderia a cerca de 50 cm de altura no garrote. Tal conclusão é apoiada pelo facto de, estabelecidas as comparações com o morfotipo mesolítico de Muge, e estabelecido a sua corpulência, com base nos critérios de há muito definidos (Koudełka, in Altuna 1980-1984) os segmentos de Villaricos de apresentarem ora menores (caso do 2.º metacárpico), ora maiores (caso do 4.º metatársico), ora idênticos (caso do 5.º metacárpico). Tomando como certa a hipótese de, em Muge, se encontrar representado um único morfotipo, dada a antiguidade dos restos, parece poder concluir-se que, em Villaricos estão presentes pelo menos dois indivíduos adultos de tamanhos distintos.

É interessante verificar a incidência assinalável de cão, entre o conjunto faunístico, visto estar presente em três dos sete conjuntos estudados (descontando o conjunto moderno). Note-se que esta espécie era objecto de cerimónias sacrificiais, associadas ou não a consumo, conforme foi demonstrado em estações portuguesas de época fenício-púnica, como é o caso, em Portugal, do Cerro da Rocha Branca (Silves) (Cardoso 1993), cuja cronologia deve reportar-se aos séculos V/IV a.C. (Arruda 2005), e do extenso povoado de Almaraz (Almada), com importante presença do período orientalizante, mas que continuou a ser ocupado nos séculos seguintes. Com efeito, é a esse intervalo que podem ser reportadas as inumações rituais de restos de canídeos domésticos em fossas abertas no solo, uma delas atribuível aos séculos V/IV a.C., a outra ao século VIII a.C. (Cardoso & Gomes 1997). O porte destes animais seria idêntico ao dos de Villaricos.

A presença de cão doméstico é recorrente em diversos fenício-púnicos peninsulares. É o caso da feitoria fenícia de Toscanos, perto de Málaga, pertencentes, igualmente, a animais de tamanho médio (Uerpmann & Uerpmann 1973). No Cerro de la Tortuga, perto de Málaga, os resultados obtidos por estes dois autores são sugestivos quanto ao significado ritual do cão, em época fenícia, pois, enquanto que no povoado se recolheu apenas um fragmento atribuído a esta espécie (0,3% do total dos restos identificados), a necrópole vizinha forneceu quarenta e se exemplares (5,7 % dos restos). Na área urbana de Huelva, Calle del Puerto 6, em níveis datados dos séculos VIII-VI a.C., os restos de cão atingiam 7% do Número Mínimo de Indivíduos, sendo um juvenil e os restantes adultos, de médias dimensões (Cereiño & Patón 1988-1989). Já na Calle del Puerto 29, em níveis da segunda metade do século VII a.C., embora a percentagem de restos atribuídos a cão seja inferior, identificaram-se três indivíduos distintos, de grande porte (Cereiño & Patón 1990), realidade que confirma a existência de diversos morfotipos, de corpulência distinta.

No Castillo de Doña Blanca, os oito ossos de cão descobertos correspondem apenas a 0,5% do número total de restos identificados, pertencentes a um número mínimo de quatro indivíduos. Tal como em Villaricos, trata-se de animais de corpulência média, de 0,40 a 0,50 m de altura no garrote, provindo dos níveis de ocupação mais antigos, formados em ambiente cultural orientalizante dos meados do século VIII a.C. (Morales *et al.*, 1994).

Outros contextos orientalizantes ou de influência orientalizante, com a presença de cão doméstico, são o Cabezo de San Pedro (Huelva) e Medellín (Badajoz), ainda que em quantidades baixas, contrastando com as percentagens identificadas em alguns contextos mais tardios, como o de Hort d'En Xim (Ibiza), da segunda metade do século III a.C., com evidentes sinais de corte para esquartejamento, descarnação ou desarticulação, onde os dez indivíduos computados correspondem a 35,7% do número de restos faunísticos identificados (Saña 1994), sublinhando o valor sacrificial do cão para as sociedades semitas do I milénio a.C., bem evidenciado em contextos do Mediterrâneo Oriental daquele milénio (Cardoso & Gomes 1997).

3. A presença do género *Sus* sp., ainda que se não possa, no caso, optar entre a espécie doméstica ou a selvagem, aspecto sempre muito difícil, mesmo quando os restos são melhores e mais numerosos merece também comentários. Com efeito, trata-se apenas de dois fragmentos, um de humero, outro de omoplata, o primeiro pertencente a um contexto do século V a.C. (U E 24, n.º. inv. 8143), o segundo reportável ao século VI a.C. (U E 29, n.º. inv. 8042). Em termos de comportamento alimentar, a interdição do consumo de carne de porco (*Sus domesticus*), por prescrição religiosa baseada em preceitos higiénicos parece sugerida em diversas estações pertencentes a populações semitas de origem fenícia ou fenício-púnica, embora em algumas se tenha consumido javali (*Sus scrofa*), ou aqueles animais, enquanto juvenis. É o caso do povoado do Almaraz (Almada), onde se reconheceram dois restos atribuíveis a javali, correspondendo apenas a 0,5 % do número total de restos identificados (Barros, Cardoso & Sabrosa 1993); de igual modo, entre os 208 restos identificados no Cerro da Rocha Branca (Silves), e o do estabelecimento fenício do Almaraz, no rio Sado (século VII a.C.), no qual se recolheram provas inquestionáveis da presença de javali e, eventualmente, de porco doméstico (Cardoso 2000). Já de época púnica, reconheceu-se apenas um resto atribuído a javali, no Cerro da Rocha Branca, Silves (Cardoso 1993). Em outros contextos púnicos confirmou-se tal ocorrência, o porco, como é o caso, entre outros, do poço de Hort d'En Xim (Ibiza), já antes referido.

A preferência pelo consumo de imaturos encontra-se patente no Castillo de Doña Blanca, onde se não detectou nenhum resto de porco adulto, tendo-se consumido alguns infantis e juvenis, atingindo 4,7 % do número de restos identificados, pertencentes a um mínimo de dezanove indivíduos (Morales *et al.*, 1994).

No caso em apreço, trata-se de indivíduos adultos, os quais, mesmo sendo domésticos, evidenciam a pequena importância que teriam na alimentação.

4. Do ponto de vista da distribuição das restantes espécies consumidas, as conclusões ficam muito limitadas dado o escasso número de peças recolhidas, os quais não justificam, por outro lado, o exercício de calcular o Número Mínimo de Indivíduos.

No conjunto, descontando o espólio moderno recolhido na Fossa 7, recolheram-se oito restos atribuídos a *Bos taurus*, sem dúvida a espécie que mais contributos cárnicos proporcionava, realidade que também é concordante com o papel económico conferido à bovinicultura na época e na região, pelas populações de raiz semita; ao conjunto indiferenciado de *Ovis/Capra* correspondem dezassete restos e a *Equus caballus*, três. Além dos suídeos e do cão

doméstico, já abordados, registaram-se cinco restos de *Oryctolagus cuniculus*, sem dúvida a única espécie selvagem seguramente identificada, a qual seria capturada nas vizinhanças do assentamento.

Este conjunto é, pois, compatível com um aglomerado urbano, cujo abastecimento de carne era garantido por animais domésticos pastoreados nas redondezas (boi, ovela/cabra, e onde o cavalo poderia ter um aproveitamento secundário na alimentação, conforme o observado em outros povoados coevos.

5. Tendo em consideração a natureza das partes anatómicas conservadas (excluindo o conjunto moderno), parece poder-se concluir que os grandes bóvidos eram consumidos integralmente no local, visto estarem representados elementos cranianos, e do esqueleto apendicular, desde os ossos longos dos membros anterior e posterior (húmero, tíbia), até às extremidades dos mesmos (uma 1<sup>a</sup>. falange). Para idêntica conclusão apontam os dezassete restos de *Ovis/Capra*, onde estão presentes fragmentos cranianos, elementos do esqueleto axial e ossos longos.

## AGRADECIMENTOS

A José Luis López Castro, por ter confiado este estudo ao signatário, e pelas temporadas de trabalho e de camaradagem, sempre gratificante e proveitosa, por ele providenciadas em Almería; a Cleia Detry, que facultou os elementos biométricos comparativos do cão doméstico mesolítico dos concheiros de Muge, que fazem parte de trabalho que, em comum, estamos preparando.